



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.006



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PALAVRA CORAÇÃO EM EZEQUIEL 36.26 COMO ÁPICE DA REVELAÇÃO VETEROTESTAMENTÁRIA ACERCA DA NATUREZA HUMANA

The word heart in Ezequiel 36.26 as the apex of the veterotestamentary
revelation about human nature

Werbston da Silva Coelho¹

RESUMO

O presente artigo demonstra o papel central da palavra hebraica *lēb/lēbāb* (coração) em tema de antropologia bíblica. O conceito de coração como o centro de tudo o que a humanidade é, representando o ser em sua integralidade, é resultado da revelação veterotestamentária verificada desde a Lei de Moisés, passando pelos livros históricos e pela literatura poética e sapiencial, até atingir seu pleno significado nos escritos proféticos, mais precisamente na promessa de um novo coração, em Ezequiel 36.26. Encerra-se neste texto a compreensão de que o ser humano precisa ser transformado a partir do *lēb*, de onde surgirá a nova criatura regenerada em Cristo Jesus. A antropologia bíblica possui o papel fundamental de descortinar a natureza humana. E assim o faz a partir da palavra coração, cuja compreensão ajudará a revelar o que as Sagradas Escrituras dizem acerca do dilema humano e qual o único ser capaz de resolvê-lo.

Palavras-chave: Humanidade. Crise. Coração. Literatura profética.

ABSTRACT

This article demonstrates the central role of the Hebrew word *lēb/lēbāb* (heart) in biblical anthropology. The concept of the heart as the center of all that humanity is, representing

¹ Bacharel em teologia (curso livre) e em Direito. Pós-graduado em Direito e Processo. Mestrando em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. Professor de Antigo Testamento da Faculdade Cidade Teológica Pentecostal – FCTP. ORCID:<https://orcid.org/0009-0000-6785-3022> - E-mail: werbston@yahoo.com.br

the whole being, is the result of the vetero-testamentary revelation verified from the Law of Moses, through historical books and poetic and wisdom literature, until it reaches its full meaning in prophetic writings, more precisely in the promise of a new heart, in Ezekiel 36.26. This text contains the understanding that the human being needs to be transformed from the *lēb*, from where the new creature regenerated in Christ Jesus will emerge. Biblical anthropology has the fundamental role of unveiling human nature. And it does so from the word heart, whose understanding will help reveal what the Holy Scriptures say about the human dilemma and which is the only being capable of solving it.

Keywords: Humanity. Crisis. Heart. Prophetic literature

INTRODUÇÃO

Há algo que se quebrou no percurso da existência humana. Por mais que se tente negar, por maiores que sejam os esforços em dar as mais diversas explicações para mascarar a dor e a angústia que se abatem sobre o ser humano, parece haver um sentimento comum de que há algo desesperadamente errado. Um reiterado sentimento de inadequação informa a cada indivíduo e o leva a crer que, de fato, em algum momento, por algum motivo, falhou-se na arte de viver. Desde então, é como se a humanidade se tivesse perdido de si mesma. Há uma consciência comum que confronta a coletividade e a remete a um sentimento de culpa.

Se o ser humano se sente culpado é porque precisamente é culpado, já afirmou MacArthur.² A antropologia bíblica possui uma resposta para esse problema humano. Ele tem nome e sobrenome: pecado original. Mas a presente pesquisa não tratará da doutrina do pecado, ainda que esta seja fundamental para a compreensão do que aqui se irá denominar de crise da humanidade. Analisar-se-á a outra face dessa realidade espiritual, partindo da premissa de que o pecado é o elemento corruptor de toda ação humana.

Nesse sentido, não basta identificar o cerne do problema. É preciso saber quais ferramentas se deve utilizar para solucioná-lo. Ainda que essa ideia pareça, em princípio, algo pragmático e até mesmo simplório demais para uma questão tão mais profunda, o fato é que os mecanismos de que a sociedade lança mão para lidar com a situação atual da humanidade podem determinar a diferença entre o aprofundamento e a solução da crise. Não é por outra razão que a discussão deve perpassar necessariamente pela maneira como se tem compreendido a natureza humana e sua relação com o mundo ao longo dos tempos.

O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar a antropologia bíblica que redireciona o ser humano para Deus, a partir da palavra coração na literatura profética, mais precisamente no livro de Ezequiel. O pressuposto é de que não há como se entender o ser humano e sua relação com Deus sem saber como a revelação bíblica compreende e define a própria

² MACARTHUR, John. **Introdução ao aconselhamento bíblico**: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016, p. 85.

humanidade. Nesse sentido, nada melhor do que investigar o significado de *lēb/lēbāb*³ (coração), palavra central em tema de antropologia bíblica veterotestamentária.

Antes disso, é preciso entender o estado atual da humanidade, quais as soluções que o pensamento contemporâneo tem apresentado e em que medida elas têm sido eficazes para colmatar as lacunas existenciais que não param de se expandir em um contexto de crise global e, por que não dizer, humanitária, no sentido mais visceral da expressão. Apesar dos indiscutíveis avanços nos campos da ciência e tecnologia, a sensação é que se está regredindo, enquanto humanidade. Uma virada antropológica é medida que se impõe. É o que se está a propor com o presente trabalho.

1. ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA E A CRISE DO HUMANO

O que é o ser humano? Esta é a pergunta sobre a qual os filósofos têm se debruçado ao longo dos séculos. É atribuída a Sócrates a afirmação de que “uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”.⁴ A necessidade de conhecer a si mesmo parece ser um consenso entre os grandes pensadores. Contudo, há uma peculiaridade que marca a era contemporânea: “[...] as pessoas hoje não estão muito interessadas em questões sobre a realidade última, ou Ontologia, mas vitalmente interessadas em questões a respeito do homem”.⁵ O último autor citado atribui à corrente filosófica do Existencialismo a ênfase nas questões humanas em detrimento da crença em Deus. Noble corrobora com o diagnóstico de Hoekema e identifica o surgimento de um existencialismo latente na sociedade que faz com que se acredite que “[...] nossa existência é a única coisa que podemos conhecer verdadeiramente”.⁶ Não se pode dizer que essa percepção latente no seio da sociedade contemporânea seja de todo equivocada. Sem dúvida, como seres dotados da capacidade de abstração, é natural que os humanos não apenas questionem sua existência, como também creiam na possibilidade de compreendê-la a partir de suas próprias premissas. A questão é que duas Guerras Mundiais abalaram sensivelmente as crenças da humanidade em seus próprios valores e em sua bondade intrínseca. Daí porque “O problema do homem tornou-se [...] um dos [...] mais cruciais de nossos dias”.⁷

Esse estado de crise, fundamentalmente verificado na cultura ocidental, e a inquietação espiritual que assombra os atores sociais da contemporaneidade, não é algo novo na história humana. Desde a filosofia clássica já se pode ouvir ecos de uma mudança na perspectiva filosófica de compreensão da realidade, deixando-se pouco a pouco que o espanto típico do olhar filosófico e contemplativo da vida seja redirecionado de questões relativas apenas ao mundo exterior para a interioridade humana. O problema humano, contudo, tem assumido

³ VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

⁴ GUINNESS, Os. **A grande busca pelo sentido da vida**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 23.

⁵ HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 11.

⁶ NOBLE, Alan. **Humanidade em crise: o fardo de pertencer a si mesmo**. São José dos Campos: Fiel, 2022, p. 68.

⁷ HOEKEMA, 2018, p. 12.

contornos dramáticos nos últimos tempos, o que conduz à inescapável indagação: o que há no ser humano contemporâneo que tanto se assemelha a um grito de dor? Em última análise, de que se constitui a natureza humana?⁸

Daí a importância da busca por autoconhecimento, que no presente artigo não assume o sentido corrente na sociedade atual de movimento em direção a um processo de autoajuda. São inúmeras as obras que tratam da temática, que ora a abordam de forma mais profunda, ora de modo mais conciso, mas normalmente a partir de um viés marcadamente pragmático, voltado para questões não relativas à natureza humana. Contudo, o propósito da investigação que aqui se processa envolve uma temática de fundo, que tenta extrair da humanidade sua própria essência.

São diversas as correntes de pensamento que tentaram dar respostas adequadas a essas questões. Interessante a divisão entre antropologias idealistas e materialistas. As primeiras têm fundamento no dualismo da filosofia platônica, por exemplo, que entendia o ser humano fundamentalmente como um espírito que pretendia libertar-se de um corpo que o aprisiona. Aqui teria surgido a ideia de imortalidade da alma, a qual pertenceria a uma categoria superior ao corpo e deste prescindiria após a morte. O outro conjunto de teorias antropológicas é do tipo materialista, porque considera o ser humano composto essencialmente de elementos materiais como o corpo, sendo todas as demais manifestações a ele atinentes (racionalidade, emoções, espiritualidade) expressões de sua estrutura manifestamente material. O idealismo valoriza o aspecto espiritual do ser humano em detrimento de sua estrutura corporal. Já os materialistas “absolutizam o aspecto físico do homem e negam a realidade do que podemos chamar de seu lado ‘mental’ ou ‘espiritual’”.⁹

A classificação adotada por Hoekema atende ao escopo deste artigo, na medida em que possibilita demonstrar, ainda que em linhas gerais, o veio condutor através do qual a antropologia caminhou até chegar ao arquétipo da humanidade moderna. De um lado, a influência do método científico, ainda presente entre nós, engendrou uma concepção de ser humano forjado em torno de seu próprio material genético, que não apenas o influencia como também condiciona suas condutas em direção à preservação da espécie. Por outro, tem-se a ideia de self e a noção de autonomia humana, cristalizadas no seio da sociedade pós-guerra. Afastando-se do cientificismo, mas adotando, ao menos em parte, suas premissas, essa última tendência reconhece a posição superior e diferenciada da humanidade em relação aos demais seres vivos, na consideração de que “materiais genéticos não fazem escolhas”.¹⁰ Sustentam, assim, um traço de responsabilidade, seja através do encontro inter-humano EU-TU,¹¹ seja por meio da ideia de “homem subjacente” de B.F. Skinner, que transfere a responsabilidade das condutas do ‘homem autônomo’ para o ambiente.¹²

⁸ DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Brasília: Editora Monergismo, 2018, p. 3137-31-44.

⁹ HOEKEMA, 2018, p. 13.

¹⁰ SCRUTON, Roger. **Sobre a natureza humana**. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 15.

¹¹ BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Moraes, 1974.

¹² HOEKEMA, 2018, p. 14.

Seja como for, o que se verifica, como um dado extraído da própria realidade contemporânea, é que qualquer dessas perspectivas não tem se revelado capaz de dar respostas satisfatórias ao dilema humano. E isto porque ao tempo em que propõem a inclusão do ser humano no centro de suas próprias vidas, essas antropologias retiram Deus da equação e fazem da humanidade juíza e salvadora de si mesma. Nem precisa dizer que o fardo imposto a cada indivíduo é tamanho que é certo que alguém vai sair machucado com isso.

Os resultados são precisamente apresentados,¹³

Alguns embriagam-se, outros optam por antidepressivos controlados [...]. Alguns comem, [...], alguns se submergem na pornografia, alguns jogam vídeo game, [...], alguns se tornam fãs obcecados de K-Pop, alguns rolam infinitamente a *timeline* do Instagram, [...], alguns discutem na internet, [...], alguns protestam *online*, alguns protestam para se tornarem famosos *online*, [...] alguns tentam suicidar-se, [...], alguns sonham acordados em serem diagnosticados com alguma doença que justifique sua própria mediocridade, [...], alguns descobrem uma nova identidade, alguns modificam seus corpos, alguns modificam suas dietas, alguns abraçam o vitimismo, alguns zombam do vitimismo.

Esse é o estado da sociedade atual. As maiores vítimas são os jovens, mas não somente eles. Por acreditarem na mentira fundamental da modernidade de que se pode pertencer a si mesmo, os humanos hodiernos correm atarantados e desgovernados em todas as direções existenciais, como atores de um teatro grotesco. Eles precisam ser informados urgentemente de que pertencem a Deus. Necessitam, mais do que isso, compreender a relevância de tal constatação para o enfrentamento dos desafios contemporâneos. No final das contas, a batalha a ser travada envolve a conquista de seus corações. Trata-se, ao fim e ao cabo, de contrapor a antropologia contemporânea na qual foram ensinados e da qual, em certo sentido, são vítimas, à antropologia bíblica, suficientemente capaz de redirecionar o âmago do ser humano para quem realmente faz pertencer e convergir a si todas as coisas. Importa, portanto, investigar o que a antropologia bíblica veterotestamentária tem a dizer sobre os aspectos mais intrínsecos da condição humana, a partir da palavra *lêb* (coração).

2. ANTROPOLOGIA VETEROTESTAMENTÁRIA E A PALAVRA CORAÇÃO

Há vasta literatura que trata da antropologia veterotestamentária, mas a obra de Hans W. Wolff é considerada, sem dúvida, um clássico do século XX sobre o tema.¹⁴ Foi esse teólogo alemão quem lançou as bases daquilo que ele mesmo passou a chamar de ‘estereometria da expressão ideativa’.¹⁵ Em suas pesquisas, Wolff descobriu que termos bíblicos como “alma”, “coração”, “carne” e “espírito” perderam muito do seu sentido mais profundo quando

¹³ NOBLE, 2022, p. 17.

¹⁴ MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 205.

¹⁵ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 29.

transplantados para a língua grega, em razão de passarem a ser tratados, na maioria das vezes, em oposição mútua, querendo significar partes distintas do ser humano.

O pressuposto básico de Wolff é que tais conceitos, não raro, definem o ser humano como um todo, à semelhança do que ocorre com o ‘paralelismo de membros’ em algumas passagens do Antigo Testamento, como, por exemplo, no Salmo 84.2.¹⁶ No referido texto, “alma” e “coração” não significam partes distintas do ser humano, mas se referem ao ser humano em sua integralidade. É isto que define o método sintético-estereométrico no pensamento veterotestamentário, que se vale majoritariamente de imagens para transmitir conceitos, diversamente do que ocorre com o pensamento helênico, do qual nossa sociedade sofreu forte influência, e que lança mão de conceitos para comunicar outros conceitos.¹⁷

A implicação de toda essa engenhosa construção teológica não pode ser outra senão o fato de que a palavra “coração” em todo o texto veterotestamentário parece significar algo que vai além do órgão do corpo humano (*Kardia*). A esse respeito, é o próprio Wolff quem informa que a palavra coração é a mais importante da antropologia do Antigo Testamento e que “Na forma mais corrente, [leb], ocorre 598 vezes no Antigo Testamento; na forma [lebab], 252 vezes; [...] no livro de Daniel, uma vez [leb] e sete vezes [lebab]; portanto, ao todo, encontra-se 858 vezes, sendo, com isso, a noção antropológica mais frequente”.¹⁸ O mesmo autor associa a palavra coração às esferas corporal, emocional e volitiva, enfatizando que “[...] a Bíblia vê no coração do ser humano, antes de mais nada, o centro do ser humano que vive de modo cômico. [...] o coração é chamado para ter juízo, principalmente para a percepção da palavra de Deus”.¹⁹ E Jonas Madureira complementa,

A antropologia bíblica não pressupõe que o coração seja o intelecto, mas, sim, que o coração seja o centro de tudo o que o homem é. Isso vale também para o intelecto [...] É verdade que o coração é o lugar das deliberações e decisões mais importantes da vida de uma pessoa, e que essas deliberações pressupõem a faculdade da razão. No entanto, o coração é também o lugar em que o homem enfrenta a maior de todas as suas batalhas. Essa batalha não é meramente racional, mas é central, isto é, trata-se de uma luta pela centralidade não somente dos nossos raciocínios, mas também das nossas vontades, emoções e decisões.²⁰

Daí porque o presente artigo se volta essencialmente para o coração humano. Assim, o faz na certeza de que este elemento constitutivo de nossa natureza vai muito além do órgão físico (*kardia*), como dito anteriormente. Prova disso é o interessante relato da morte de Nabal, em 1Sm 25.37, em que o escritor revela sem qualquer constrangimento que o lēb do personagem “se amorteceu”, mas o homem morreu somente dez dias depois (25.38). Embora a linguagem sintética do texto bíblico deixe o leitor moderno atônito, o fato é que se está

¹⁶ MADUREIRA, 2017, p. 207

¹⁷ MADUREIRA, 2017, p. 208.

¹⁸ WOLF, 2014, p. 87.

¹⁹ WOLF, 2014, p. 113.

²⁰ WOLFF, 2014, p. 221

afirmando a claras letras que há uma nítida distinção entre o pulso (batimentos cardíacos) e o lēb. Na passagem, o coração parece se identificar mais com algumas partes do cérebro, que teriam paralisado todas as funções corporais até finalmente gerar a morte.²¹

O coração também é entendido pelos escritores veterotestamentários como algo inacessível, inescrutável ou desconhecido, oculto no interior do corpo. Assim é que Provérbios 30.18,19 fala em “coração do mar”, entendido como o mar alto ou inexplorado. Do mesmo modo, Jonas 2.3, no qual o profeta afirma: “Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares [...]”. Por sua vez, quando esse sentido da palavra coração é aplicado ao ser humano, ele se contrapõe à aparência externa: “[...] porque o Senhor não vê como o homem vê. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração.” Chega-se aqui a um ponto importante: embora o coração seja considerado como algo escondido e não revelado ao conhecimento humano, Deus perscruta os corações (Pv 15.11). E o Salmo 44.21 informa que “porventura não teria atinado Deus, ele, que conhece os segredos dos corações?”.²²

Uma importante aplicação da palavra coração relaciona seu sentido com outra igualmente relevante em antropologia do Antigo Testamento: *nepeš*, que significa literalmente “garganta”. O simbolismo da linguagem hebraica, já ressaltado em linhas anteriores, deu conta de direcionar a palavra *nepeš* para um sentido mais profundo. O texto de Gênesis 2.7 expõe essa perspectiva a clara letras. Nele, *nepeš* é traduzida por alma. O que o texto bíblico está dizendo é que quando Deus soprou nas narinas do homem o fôlego da vida ele *se tornou* alma vivente. Pode-se concluir, inicialmente, que o homem não *tem* alma; ele *é* alma. Mas alma é a tradução da palavra *nepeš*, que, como dito, tem como um de seus significados “garganta”, mais associada pela cultura hebraica aos conceitos de fome e saciedade.

A esse respeito, Madureira se expressa de modo lapidar:

O homem não é ‘garganta’ literal, mas, sim, como a *néfesh*, a saber: faminto, insaciável, desejante, necessitado. Em outras palavras, quando Deus soprou nele o fôlego de vida, o homem se tornou fome, apetite, desejo, necessidade. Perceba a riqueza dessa imagem. O homem não *tem* fome; o homem *é* fome. O homem não *tem* desejo; o homem *é* desejo. O homem não *tem* necessidade; o homem *é* necessidade. Nesses termos, entendemos que “alma” [...] não é algo que o homem possui, mas algo que o caracteriza essencialmente. Portanto, o homem todo é desejo. Ele foi criado para ser integralmente desejo, fome, sede, necessidade. Do quê? De quem? Unicamente de Deus.²³

Interessante notar que esse elemento da essência humana, cristalizado no texto da Torá, é revisitado no livro de Salmos, desta feita sob uma nova roupagem, que não é outra senão a palavra lēb. O Salmo 21.2 expressa nos seguintes termos a gratidão do rei: “Cumpriste o desejo do seu coração, não lhe negaste o que os seus lábios pediam.”. Aqui, a palavra

²¹ WOLFF, 2014. p. 88.

²² WOLFF, 2014. p. 92-93.

²³ MADUREIRA, 2017, p. 212-213.

coração é associada a desejo da mesma forma como se dá com *nepeš*, de maneira que, pelo menos nesse texto, as palavras coração e alma, no sentido de aspiração e desejo interior e mais oculto do ser humano, estão intimamente relacionadas.

Outra palavra fundamental em tema de antropologia bíblica e que também aparece associada à palavra coração é *rûaḥ*, que pode ser traduzida como “espírito”. Esse é o termo menos frequente da gramática antropológica das Escrituras, mas o menor número de ocorrências no texto do Antigo Testamento não implica sua menor importância. *Rûaḥ* aparece no Antigo Testamento 389 vezes, 113 delas com o significado de “vento” ou força da natureza. Também no texto veterotestamentário *rûaḥ* se refere tanto a Deus (136 vezes) como à humanidade, animais e deuses falsos (129 vezes), o que levou Wolff a concluir que o conceito de *rûaḥ* não pertence apenas aos domínios da antropologia bíblica, mas assume um caráter teo-antropológico.²⁴

De todos os formatos que essa palavra pode assumir no vernáculo, interessa destacar aquele mais relacionado ao espírito que se move no interior do ser humano, ou sua energia vital. Não custa lembrar que o livro de Ezequiel possui pelo menos dois registros em que *rûaḥ* vem associada à palavra *lēb* (Ez 11.19; 36.26). Eles serão trabalhados em capítulo próprio, mas aqui cumpre observar o desenrolar progressivo da revelação bíblica, que vem expressando a natureza humana em seus mais diversos aspectos até culminar com uma manifestação definitiva de como o ser humano é visto por Deus e qual seu movimento para atingir o âmago desse ser.

Especificamente acerca da *rûaḥ* de Deus, o escritor do Salmo 33.6 informa que ela não se limita ao elemento vivificador da alma humana, a saber: “Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles”. Dito de outro modo, pelo sopro da boca de Iavé não se criou tão somente a humanidade, mas o exército dos céus. A *rûaḥ* de Deus seria, então, a ação vivificadora – e por que não dizer – sustentadora do mundo. Quando incide sobre os seres humanos, a *rûaḥ* de Deus os dota de talentos extraordinários e, principalmente, da autorização para agir em nome do Senhor (Ezequiel 11.5; Isaías 42.1). É em sua *rûaḥ* que o ser humano se quebranta: “Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito [*rûaḥ*] oprimido” – Salmo 34.18; dispõe-se voluntariamente, a saber: “sustenta-me com um espírito [*rûaḥ*] voluntário” – Salmo 51.12; investiga, como expresso pelo autor do Salmo 77.6: “o meu espírito [*rûaḥ*] perscruta”. “Sendo um dom de Deus, a Quem será ‘entregue’ na morte, e funcionando em todas as três esferas da consciência humana *rûaḥ* é realmente o poder oculto interior”.²⁵

É aqui que os conceitos teológico e antropológico de *rûaḥ* se encontram para formar a ideia de um ser humano autorizado ou dependente de Deus. Sem compreender a energia vital que Deus lhe dá, a humanidade continuará girando em círculos na busca por pertencimento. A partir do reconhecimento da *rûaḥ* de Deus como elemento autorizador da própria existência

²⁴ WOLFF, 2014, p. 73.

²⁵ PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 496.

humana se poderá abandonar o devaneio da autonomia e se partir em busca da verdadeira liberdade.

3. A PROFECIA DE EZEQUIEL E A PROMESSA DE UM NOVO CORAÇÃO

Parte significativa dos leitores da Bíblia consideram Ezequiel um livro enigmático, com diversos oráculos que mais se assemelham a profecias seladas e com uma mensagem que às vezes parece estar simplesmente inacessível ao público leigo. O curioso é que uma leitura mais atenta vai revelar uma intencionalidade evidente no livro, manifestada em linguagem e pensamento que gozam de uma simplicidade básica, muito provavelmente em função de uma estrutura igualmente simples e de fácil análise.²⁶

Os oráculos do profeta Ezequiel abrangem um período de 22 anos, entre 593 e 571 a.C., durante os quais a cidade de Jerusalém foi sitiada, invadida e destruída. Essa época também marca a destruição do templo de Jerusalém e o fim da era monárquica no reino do Sul. Importante lembrar que o reino do norte havia sido destruído pelo império assírio em 722/721 a.C, enquanto Judá se mantinha vivo politicamente através das alianças que estabelecia ora com o Egito, ora com a Babilônia. Justamente quando o último rei de Judá, Jeoaquim, se rebela contra o império babilônico, entre 601 e 600 a.C., é que o reino do sul é completamente subjugado por Nabucodonosor, em 597 a.C, e tem a maior parte de sua população escravizada. Para o exílio, foram enviados cerca de 10 mil de seus habitantes, entre os quais estava o profeta Ezequiel.

Como dito, apesar da fama de obscuro, o livro de Ezequiel goza de uma estruturação muito bem definida, o que auxilia na interpretação de sua mensagem. Carson et al identificam uma coletânea de 52 oráculos, visões ou mensagens divinas. Os autores nos informam, ainda, que cada oráculo vem acompanhado de uma das expressões comuns: “Veio a mim a palavra do Senhor” ou “A mão do Senhor veio sobre mim”. E complementam:

Essas duas expressões não são intercambiáveis. Elas dão uma indicação do tipo de profecia que seguirá. A primeira expressão é de longe a mais frequente. Ela indica o início de uma mensagem verbal de Deus a qual normalmente deverá ser retransmitida ao povo de Israel. A segunda expressão é utilizada para indicar uma experiência mais intensa, onde o profeta é afetado fisicamente. Ela é usada em todos os grandes oráculos visuais, em que Ezequiel se sente transportado para dentro da própria visão.²⁷

Sem dúvida tais expressões dão o tom da mensagem, que pode ser resumida em dois momentos principais. O primeiro deles, constituído de advertências iniciais quanto às calamidades que adviriam à nação de Israel em razão das mais diversas atitudes pecaminosas dos anciãos de Judá, das autoridades ou da nação de Judá, bem como da casa de Israel como

²⁶ TAYLOR, John Brian. **Ezequiel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 13.

²⁷ CARSON, Donald Arthur; FRANCE, Richard Thomas; MOTYER, John Alexander; WENHAM, Gordon J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2020, 1080.

um todo e de cada indivíduo em particular. Tais avisos vêm acompanhados de uma promessa de restauração não apenas da terra prometida, mas também do relacionamento do povo com o seu Deus.

A primeira divisão estrutural do livro de Ezequiel vai do capítulo 1 ao 11. Nestes, o profeta trata de acusações que lavé faz contra Israel relativamente ao rompimento da aliança na adoração a outros deuses e à prática da injustiça. Em decorrência de tais transgressões, Ezequiel também é incumbido de alertar a população que permaneceu em Jerusalém a respeito de uma nova invasão babilônica, que, desta feita, destruiria completamente a cidade e o templo. Interessante notar que todo esse vaticínio que o Senhor revela a seu profeta e o faz compartilhar a toda a nação vem acompanhado de uma última profecia não externada ao povo, mas apenas a Ezequiel: Israel não daria ouvidos e não se voltaria para Deus. A dureza do coração do povo, que o levaria ao exílio e à destruição já preditos no capítulo 30 de Deuterônomo, era uma realidade incontornável naquele momento em que a profecia de Ezequiel foi propagada.

Mas há uma última visão nessa primeira parte do livro, a partir do capítulo 8, que se apresenta como crucial ao desenvolvimento do restante da obra. Diz respeito ao templo de Jerusalém. Aqui, toda a idolatria praticada pelos sacerdotes e pelas mulheres que oficiavam no templo, incluindo a adoração a animais, à natureza e até mesmo ao sol, precipitou a retirada da glória do Senhor do lugar de sua adoração em Jerusalém, porque, para Ezequiel, assim como em toda a revelação veterotestamentária, a santidade não era apenas um atributo em Deus. lavé era a própria santidade,²⁸e esta era incompatível com a idolatria horrenda que vinha sendo praticada dentro do templo.

Nesse momento, identifica-se um elemento transicional no livro que possui íntima relação com o escopo do presente artigo. Ao apontar os pecados do povo e trazer à tona as razões pelas quais lavé havia abandonado o templo de Jerusalém, surge uma esperança em meio ao caos. O Senhor havia abandonado o templo, mas jamais abandonaria o seu povo. O capítulo 11 aponta para um remanescente que retornaria do cativeiro com os corações transformados. Surge pela primeira vez na obra a ideia, já introduzida por Jeremias (Jr 24.7; 31.33), de uma nova aliança, que em Ezequiel se apresenta como um novo coração dado a cada indivíduo, simbolizado pela substituição de um coração de pedra por um de carne (Ez 11.18). Importa, contudo, ressaltar, na esteira de Taylor que,

É muito cedo para achar a esta altura uma profecia de esperança para a comunidade exilada. De modo geral, tais profecias foram reservadas para o período após a queda de Jerusalém, i.e, do capítulo 33 em diante. Mas outras passagens nestes oráculos iniciais indicam que Deus tinha planos para restaurar um remanescente do Seu povo (e.g. 5.3; 6.8, 9; 12.16; 16.6, etc.), e estas pessoas voltariam para a sua terra natal e se tornariam herdeiras de toda a herança da sua nação e, também, desfrutariam de um novo relacionamento com o seu Deus, mediante a aliança. Nisto, Ezequiel estava

²⁸ TAYLOR, 2017, p. 13.

em harmonia com a previsão esperançosa do seu contemporâneo mais velho, Jeremias.²⁹

Mesmo diante de um vislumbre de esperança no final do capítulo 11, o fato é que o livro segue sua marcha em direção ao anúncio do julgamento de Deus, para somente no final retornar à ideia de restauração. Três seções da obra evidenciam o juízo de Deus. Os capítulos 12 a 24 vão tratar do julgamento sobre a própria nação de Israel, quando Ezequiel se vale de diversas imagens para descrever um povo que havia se desviado dos caminhos do Senhor. Assim é que Ezequiel compara Israel com um bastão queimado ou inútil no capítulo 15, com uma esposa rebelde no capítulo 16, com um leão perigoso no capítulo 19 e, finalmente, com duas irmãs adúlteras no capítulo 23. Tudo demonstra que a idolatria e a promiscuidade de Israel havia atingido seu limite.

A seção seguinte vai tratar do julgamento de Deus sobre as demais nações (capítulos 25 a 32), inicialmente sobre as mais próximas de Israel (Amom, Moabe e Edom) até chegar nas mais poderosas (Egito e Tiro), que seriam capituladas pelo reinado de Nabucodonosor, na Babilônia. Já o capítulo 33 demonstra o cumprimento da profecia contra Jerusalém, quando se constata a triste realidade de que a cidade do grande rei de Israel caiu por causa dos seus próprios pecados. Importante destacar que no desenrolar do referido capítulo Ezequiel deixa clara a ideia que já vinha desenvolvendo em 3.18 e 18.1-29 de que cada ser humano é tratado como um indivíduo por Deus, que sempre está pronto a perdoar até mesmo o ímpio que se arrependa. Em outros termos, a relação de misericórdia e perdão que o Deus de Israel pretende estabelecer com a humanidade não se restringe à noção de hereditariedade (pecados praticados pelos pais) nem se limita à ideia de meio-ambiente (pecados da nação). O encontro com Deus é descrito aqui no capítulo 33 como algo eminentemente pessoal, de tal maneira que o perverso pode retroceder de sua maldade e ser salvo, enquanto o justo, fiando-se em sua própria justiça, pode sofrer a condenação. Vale, contudo, a advertência de que “esta não é uma declaração da justificação pelas obras; [somente] está dizendo que a vida do homem é uma questão do coração”.³⁰

O cenário está preparado, então, para a última seção do livro de Ezequiel (capítulos 34 a 48), que irá revelar uma esperança futura não apenas ao povo de Israel, mas às nações e a toda a criação de Deus. Desta derradeira parte da obra, interessa ao escopo deste artigo os capítulos 34 a 37, que revelam a esperança para Israel através de um rei messiânico, uma espécie de novo Davi. Mas Deus não daria ao povo somente um cetro de justiça e paz que reinaria sobre ele, mas a promessa envolve a transformação de seus corações de tal forma que a rebeldia seria abandonada e o povo serviria unicamente ao seu Deus (Ez 36.26,27). Interessante notar, contudo, a afirmação fundamental de lavé transmitida ao profeta: “Não é por causa de vós que faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome” (Ez 36.22,32). A intenção é afastar qualquer atribuição de mérito ao povo, como se por suas próprias ações

²⁹ TAYLOR, 2017, p. 102.

³⁰ TAYLOR, 2017, p. 43.

tivesse alcançado a misericórdia de Deus. Na verdade, a mensagem vai em sentido diametralmente oposto: a humilhação e a degradação pelas quais a nação está passando é sua culpa única e exclusiva. Israel é incorrigível. Apenas lavé, em defesa de seu santo nome, poderia transformar a disposição de seu coração e mudar para sempre o seu espírito.

Para tanto, a cirurgia precisava ser radical. A passagem de Ezequiel 36.25-28 tem total relação com a de Deuteronômio 30.6-8: “O Senhor, teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o Senhor, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas.” A metáfora utilizada é a do coração de pedra, que representa a ideia de “frieza, insensibilidade, incorrigibilidade, e até mesmo de morte. [...] Deus vinha lutando com o problema há séculos. A presente solução é mais radical até mesmo do que a circuncisão do coração, prescrita por Deuteronômio 30.6-8”.³¹ Aqui, mais uma vez, chama-se a atenção para a progressividade da revelação escriturística, e principalmente para o fato incontestado de que a ideia de identificar o ser humano com o lēb é algo não apenas consolidado no texto veterotestamentário, mas em franco progresso, assumindo na profecia de Ezequiel sua plena concretização enquanto aspecto fundamental da natureza humana. A substituição do lēb de pedra pelo lēb de carne (bāsār), cuja metáfora agora representa sensibilidade e responsividade a Deus, é a única alternativa viável à restauração de Israel.

Mas a profecia de Ezequiel reserva aos seus ouvintes mais um elemento apto a demonstrar a consolidação do pensamento hebraico quanto a tudo o que há de mais importante no ser humano. A palavra lēb (coração) vem associada a rûaḥ quase como um paralelismo sinonímico. E isto não apenas em relação à passagem objeto de investigação (Ez 36.26), mas também no que pertine a seu correlato quiástico, já mencionado em linhas anteriores (Ez 11.19,20). Comentando esta última, Block deixa entrever os contornos eminentemente antropológicos da questão:

Na segunda linha, rûaḥ, “espírito”, funciona como o correlativo de lēb, isto é, o local da vontade moral, embora à luz de seu uso no versículo 5, rûaḥ como o local do pensamento não é algo impróprio. Assim como em 18.31, em que Ezequiel fará um apelo ao povo para que façam para si mesmos um novo coração (lēb ḥādāš) e um novo espírito (rûaḥ ḥādāšâ), a questão é claramente antropológica – a transformação do espírito humano. Isto se contrasta com 36.26–27, em que “um novo espírito” se mistura com “meu espírito”, isto é, o próprio poder dinâmico de Yahweh.³²

Importa asseverar que a profecia de Ezequiel “[...] vai além, com base nas palavras de Jeremias, ao descrever a renovação em termos de um transplante de coração”,³³ o que evidencia, uma vez mais, que se está diante de uma mensagem nova, ainda que em relação de complementaridade ao que já vinha sendo apregoado em todo o Antigo Testamento. Mais do que isso, no que permite à compreensão do ser humano como lēb/rûaḥ, não resta dúvida

³¹ BLOCK, Daniel Isaac. **Comentários do Antigo Testamento: Ezequiel**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 327.

³² BLOCK, 2012, p. 337.

³³ BLOCK, 2012, p. 338.

que a mensagem ezequielense representa o ápice da revelação bíblica sobre aquilo que há de mais intrínseco e próprio no ser humano. Em outros termos, Ezequiel 36.26, “[...] que se expande em 11.17–20, contém o resumo mais detalhado e sistemático do esquema reconstituente de Yahweh do livro de Ezequiel, se não de todos os livros proféticos”,^{26:328} a demonstrar que o conteúdo da mensagem de Deus acerca do resgate e da restauração de seu povo estava assumindo em Ezequiel contornos de definitividade.

A mudança proposta e realizada por lavé em seu povo é, portanto, de natureza. Vai muito além de atos meramente exteriores, que pouco representam aquilo que há no mais íntimo do coração humano. Envolve uma relação de pertencimento a Deus, de tal modo que a nação de Israel e cada indivíduo em particular assumiria um comportamento que os assemelharia ao Deus a quem eles serviam e os tornaria copartícipes da semente divina depositada em seus novos corações (1 Jo 3.9). A aversão ao pecado seria decorrência natural dessa profunda transformação (Sl 97.10; 101.3). Não se pode olvidar que o texto de Ezequiel ainda aponta para a experiência de fé na nova aliança. Nas palavras de Wiersbe,

Todo cristão nascido de novo vê aqui um paralelo com sua própria experiência de fé em Cristo. O Senhor nos lavou (1Co 6.9-11), nos deu um novo coração e colocou seu Espírito Santo dentro de nós e, por causa disso, devemos ter ódio santo do pecado. Temos o privilégio da comunhão com Deus e podemos orar por nossas necessidades; também temos dentro de nós o desejo de fazer a vontade de Deus.³⁴

Acerca desse último aspecto, qual seja, a mudança operada nos corações de modo a proporcionar o desejo de fazer a vontade de Deus, “foi em parte realizado através daquele maravilhoso efeito que o cativo na Babilônia exerceu sobre os judeus que lá estavam, e que realmente curou esse povo de sua inclinação à idolatria”.³⁵ Ou seja, a profecia foi cumprida já naquela época e muito mais haveria de se cumprir na vida de todo aquele que se entregasse ao senhorio de Cristo na nova aliança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que foi dito até aqui, pode-se concluir que a palavra coração no livro de Ezequiel expressa o ser humano como uma unidade complexa criada por Deus, que dele retira o mover interior e a capacidade oculta de se expressar em ato e potência. Lēb/lēbāb revela o que há de mais profundo na alma humana, seus anseios e aspirações, suas emoções e volições, sua racionalidade e modo de viver. Todo esse conjunto de expressões interiores também remete ao projetista desse ser tão diverso, que, como tal, demanda compreensão e atenção especiais de quem efetivamente pode entendê-lo e atendê-lo em toda a sua sede de sentido e realização plena.

³⁴ WIERSBE, Warren Wendel. **Comentário bíblico expositivo: Proféticos**. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 286.

³⁵ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Antigo Testamento: Isaías a Malaquias**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 782.

O Deus revelado nas Escrituras é, portanto, o único capaz de tratar o ser humano em sua totalidade, de curá-lo, porque o criou inteiro, completo e autêntico. É Ele quem valida a natureza humana e a transforma, preenchendo suas lacunas manchadas pelo pecado e redimindo-a com seu olhar contemplador de toda a necessidade existencial que possui.

A palavra coração no livro de Ezequiel, assim como em todo o texto veterotestamentário, revela o ser humano como único, criado por Deus com um rosto, um nome e uma consciência. Como acréscimo a essa revelação, a profecia ezequielense chama o ser humano à responsabilidade ao mesmo tempo em que demonstra que seu processo de transformação deve se dar pelas mãos do Criador, que sabe tratá-lo a partir do âmago do seu ser. Esse elemento mais intrínseco da interioridade humana é expresso também em Ezequiel através da palavra *lêb*.

Não há uma imagem a ser criada. Ela já existe e é à semelhança de Deus. Não há uma identidade para ser descoberta, porque seus contornos e detalhes são plenamente conhecidos por Deus e jamais estiveram em questão. Não há uma autonomia a ser conquistada, porque ela só nos afasta da dependência de um Deus que nos trata como realmente somos.

A verdade é que a profecia de Ezequiel representa o clímax da construção veterotestamentária acerca da natureza humana. Partindo da palavra *lêb*, a revelação progressiva aponta não apenas para o caminho de redenção da humanidade, Cristo Jesus, mas informa a cada indivíduo que o único meio de encontrar uma existência digna de ser vivida envolve a restauração de sua natureza manchada pelo pecado, que precisa ser transformada em um nível mais profundo: o coração.

REFERÊNCIAS

BLOCK, Daniel Isaac. **Comentários do Antigo Testamento: Ezequiel**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Moraes, 1974.

CARSON, Donald Arthur; FRANCE, Richard Thomas; MOTYER, John Alexander; WENHAM, Gordon J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2020.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Brasília: Editora Monergismo, 2018.

GUINNESS, Os. **A grande busca pelo sentido da vida**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Antigo Testamento: Isaías a Malaquias**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

MACARTHUR, John. **Introdução ao aconselhamento bíblico**: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

NOBLE, Alan. **Humanidade em crise**: o fardo de pertencer a si mesmo. São José dos Campos (SP): Fiel, 2022.

PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.

SCRUTON, Roger. **Sobre a natureza humana**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

TAYLOR, John Brian. **Ezequiel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2017.

VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WIERSBE, Warren Wendel. **Comentário bíblico expositivo**: Proféticos. Santo André: Geográfica Editora, 2006.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.